

## Inteligência artificial, política, eleições e democracia

Desirée Cavalcante Ferreira

Raquel Cavalcanti Ramos Machado

A velocidade do desenvolvimento de novas tecnologias e o temor sobre os riscos do uso dessas ferramentas sobre as democracias ganham novos contornos a cada dia. Em abril deste ano (2023), por exemplo, o partido Republicano dos Estados Unidos divulgou um vídeo distópico produzido por Inteligência Artificial (IA) em que projetava como será o mundo caso Joe Biden continue na presidência do país. Em meio a cenas de imaginárias crises e calamidades domésticas e internacionais, no vídeo, há um pequeno aviso de que a produção foi feita integralmente com IA<sup>1</sup>.

Nem sempre, porém, as propagandas que utilizam IA informam que esse tipo de tecnologia foi empregada. No caso do vídeo mencionado, a opinião pública também levantou questão acerca do fato de não ter sido revelada qual ferramenta teria sido utilizada para a criação. Isso porque já se discute a necessidade de que as plataformas vedem a possibilidade de criação de conteúdos político com caráter inflamatório. Ademais, chama atenção a forma como o próprio aviso do uso de IA é indicado nas produções. Ao invés de pequenas mensagens no canto das telas, demonstra-se mais seguro para a opinião pública o maior destaque à informação.

Em outro caso, em maio deste ano, o Senador italiano Marco Lombardo usou o ChatGPT para fazer um discurso inteiramente gerado pelo programa de IA, como forma de destacar a relação entre IA e a política, e a necessidade de o Parlamento debater a sua regulamentação<sup>2</sup>.

As mudanças acarretadas, e ainda não integralmente compreendidas, pelo Big Data e pela popularização do uso de ferramentas de inteligência artificial pendulam entre o otimismo de transformações sociais profundas, como a inclusão de mais agentes sociais, a diminuição de barreiras e a maior difusão de serviços e conhecimento, e o temor por riscos individuais e coletivos, como o aumento de polarização política, a generalização

---

<sup>1</sup> Republicans counter Biden announcement with dystopian, AI-aided video, disponível em <https://www.washingtonpost.com/politics/2023/04/25/rnc-biden-ad-ai/>

<sup>2</sup> Senador italiano provoca parlamento com discurso gerado por IA, disponível em <https://br.cointelegraph.com/news/italian-senator-provokes-parliament-with-ai-generated-speech>

de desinformação e a excessiva personalização da experiência social. No fim, porém, tratam-se de ferramentas, cuja destinação é dependente do encaminhamento humano dado a elas.

Como mencionado por Ben Buchanan e Andrew Imbrie<sup>3</sup>, o caminho que será dado às ferramentas de inteligência artificial ainda é incerto, *“se gerirmos bem esta tecnologia, ela se tornará uma tremenda força para o bem global, iluminando o caminho para muitas invenções transformadoras. Se a implementarmos demasiadamente rápido e sem uma previsão adequada, a IA irá queimar de formas que não podemos controlar”*.

As novas tecnologias de um modo geral e a internet ainda estão submersas em desigualdades, cuja resolução demanda muito esforço e ação proativa para balancear o acesso, o controle e as destinação das novas tecnologias.

Nesse cenário, o uso da internet, com pautas geridas diretamente pelos interessados, e a polarização política têm cada vez mais alongado as campanhas eleitorais. Política se discute a toda hora, e assuntos variados ganham peso político. É certo que elementos surpresa podem mudar a dinâmica dos discursos, e muito ainda será revelado nos jogos de poder, mas as campanhas de 2024 já começaram a ser realizadas e iniciaram de uma forma diferenciada, como se percebe com a mensagem veiculada pelo partido Republicano antes referida.

A tecnologia digital já vem sendo utilizada em campanhas eleitorais há alguns anos, assim como dados vêm sendo manipulados para interferir na vontade do eleitor. Agora, porém, o uso da IA tem se popularizado, com aplicativos como o ChatGPT, lançado em novembro de 2022<sup>4</sup>. Em decorrência disso, as potencialidades e os desafios trazidos por tecnologias e o uso da internet na propaganda, nas eleições passadas, serão, portanto, incrementados nas que estão por vir. A própria geração de algoritmos é, de todo modo, uma questão cara à democracia, dada a importância de se pensar sobre como reproduzir a diversidade cívica nos comandos.

Diante dos potenciais impactos dessas novas formas de usar a tecnologia, o presente artigo procura pontuar algumas das possíveis relações entre IA e eleições, tendo sempre em conta seus possíveis efeitos para a dinâmica democrática<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> BUCHANAN, Ben; IMBRIE, Andrew. *The New Fire: War, Peace, and Democracy in the Age of AI*. Cambridge: The MIT Press, 2022, p.13.

<sup>4</sup> <https://olhardigital.com.br/2023/05/30/pro/6-meses-de-chatgpt-o-que-mudou-e-o-que-esta-por-vir/>

<sup>5</sup> Sf;s;

## 1 – Tecnologia, manipulação e fraude eleitoral

Quando pensamos em eleições, devemos considerar o momento da campanha e o momento das eleições (votação e apuração dos resultados). Assim, a inteligência artificial e a tecnologia de um modo geral podem ser utilizadas tanto em uma fase do processo eleitoral como na outra. Durante a campanha, ela é utilizada não apenas por autoridades, mas por eleitores, por pessoas interessadas na política e pelos candidatos e partidos. Importa mencionar esse fato desde já, uma vez que tem sido apontado que os maiores riscos acarretados pela IA não está sobre fraudes ao sistema de votação, mas sobre a influência indevida na formação de opinião dos eleitores<sup>6</sup>.

É certo que nem todos os atos de campanha ocorrem no mundo virtual, inclusive ilícitos como compra e venda de voto, de tal forma que, provavelmente, haja atos difíceis de serem controlados com uso de inteligência artificial. Por outro lado, ela pode ajudar a fiscalizar e controlar atos de diversas naturezas, como os gastos oficiais de campanha. Em relação àquilo que escapa do controle da ferramenta, é possível usar a tecnologia, não necessariamente a IA, para detectar comportamentos não autênticos, como fluxo indevido de dinheiro ou impulsionamento de conteúdo diferenciado.

São muitos os usos da Inteligência Artificial que podem ajudar a implementar valores democráticos, inclusive com o aporte de transparência e engajamento cívico. É possível utilizar a IA, por exemplo, para “a verificação de fatos, a criação de um índice de confiança para publicações virtuais, a detecção de técnicas de Deep fake, a coleta de informações relevantes, a divulgação de dados de interesse público, a reunião e comparação de proposta de candidatos”<sup>7</sup>, para conhecer melhor a vida dos candidatos, para compreender a adequação entre os valores que o eleitor considera válidos e o perfil de cada candidato, para aproximar candidatos, políticos, autoridades e as instituições dos eleitores<sup>8</sup> neste último caso como a disponibilização do programa Pardal e do chatbot pela Justiça Eleitoral.

---

<sup>6</sup> AI systems and the individual electoral decision – opportunities and challenges for democracy, Munich, 2021. Disponível em: <https://www.plattform-lernende-systeme.de/aktuelles-newsreader-24/more-opportunities-than-threats-artificial-intelligence-in-elections.html>

<sup>7</sup> LAGE, Fernanda. Algoritmocacia: sonho ou pesadelo, disponível em <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/elas-no-jota/algoritmocacia-sonho-ou-pesadelo-18112021>, acesso em 14/10/2023.

<sup>8</sup> ADAM, Michael; HOCQUARD, Clotilde. Artificial intelligence, democracy and elections. European Parliamentary Research Service, disponível em [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2023/751478/EPRS\\_BRI\(2023\)751478\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2023/751478/EPRS_BRI(2023)751478_EN.pdf)

Não se pode ignorar, porém, que a IA também vem sendo utilizada para manipular. Muitas vezes, é difícil o controle porque decorre de uso massivo de dados de forma obscura. Como observa, Byung-Chul Han, “não há dominação transparente.”<sup>9</sup> Dados lícitos (preferências dos usuários) são usados para fins ilícitos (convencer cidadãos).

O controle do uso indevido de dados, muitas vezes, tem se mostrado ainda lento e ineficiente. Entretanto, se abster de fazê-lo ou de se propor a fazê-lo traz uma simbologia do descaso. Por isso, o Estado deve investir em programas de IA para tentar combater a manipulação eleitoral, assim como precisa regulamentá-la, devendo também pensar em princípios para seu uso, como os indicados por Andrea Simoncini<sup>10</sup> e pela OCDE<sup>11</sup>.

É algo semelhante ao combate à criminalidade. Por mais que ela seja difícil, por exemplo, diante do crime organizado, o Estado deve tentar combatê-lo com medidas repressivas, ainda que estas não sejam o único caminho. É preciso controlar os atos que podem ser abusivos, como disparo de fake news por robôs, e aplicar sanções para aqueles que de alguma forma tentam manipular dados e notícias.

É verificado que a IA, quando associada a males da era digital, como desinformação e propagação massiva de discurso de ódio, gera impactos ainda maiores aos processos eleitorais. Com base nisso, o informativo “*AI systems and the individual electoral decision – opportunities and challenges for democracy*”, patrocinado pelo Ministério da Educação e Pesquisa da Alemanha, em 2021, apontou, como estratégias para mitigar o impacto do uso de IA em eleições, medidas como a moderação de conteúdos nas plataformas e campanhas educativas para combate à desinformação. O que se acredita é que o grau de influência dessas ferramentas diminui - ou se torna mais controlado - na medida em que os cidadãos são mais instruídos para lidar com elas e reconhecer possíveis distorções<sup>12</sup>.

Paralelamente às sanções como retirada de conteúdo, um caminho válido é impor a obrigação de divulgar a origem do financiamento de cada conteúdo (mesmo que a

---

<sup>9</sup> HAN, Byung-Chul. Infocracia: Digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 16

<sup>10</sup> SIMONCINI, Andrea. Algoritmo e legge. *Civiltà delle Macchine*. pp. 14-20. Disponível em [https://www.civiltadellemacchine.it/documents/14761743/0/\\_Civiltà+delle+Macchine+n3-23+x+web.pdf?t=1696252803191](https://www.civiltadellemacchine.it/documents/14761743/0/_Civiltà+delle+Macchine+n3-23+x+web.pdf?t=1696252803191)

<sup>11</sup> OECD. Artificial intelligence, disponível em <https://www.oecd.org/digital/artificial-intelligence/>

<sup>12</sup> AI systems and the individual electoral decision – opportunities and challenges for democracy, Munich, 2021. Disponível em: <https://www.plattform-lernende-systeme.de/aktuelles-newsreader-24/more-opportunities-than-threats-artificial-intelligence-in-elections.html>

*posteriori*, como sanção) e o dever de indicar se há ou não o emprego de inteligência artificial, até como decorrência do princípio da transparência e do que Andrea Simoncini chama de lealdade digital. É necessário também desenvolver o uso de programas de inteligência artificial para detectar comportamentos que poderíamos chamar de não autênticos ou suspeitos em eleições. Estamos em uma era de guerra tecnológica e o Estado precisa estar mais preparado.

De todo modo, importa destacar que a manipulação envolve o ser seduzido inocentemente. Quando o humano nota que está sendo manipulado ele pode se libertar. Assim, é essencial a educação para esse novo mundo. Uma educação que ainda não foi devidamente desenvolvida.

Quanto ao controle do resultado das eleições, é sim possível usar a tecnologia para combater fraudes. O sistema eletrônico de votação no Brasil é muito confiável, apesar de ter sido tão atacado nos últimos anos, e comprovou novamente a sua segurança, inclusive com a participação, nas últimas eleições, das Forças Armadas do Brasil no processo de fiscalização das urnas. Apesar de não se tratar do uso de IA propriamente, mas de apuração eletrônica, percebe-se como a tecnologia pode e deve ser usada a favor da promoção da democracia.

## **2 – O uso da IA para prever o resultado das eleições**

Hoje, apesar de não ser um modo inteiramente preciso, temos as pesquisas e as estatísticas que indicam potenciais resultados das eleições. Efetivamente, imaginar que o resultado será de determinada maneira, pode levar os eleitores a votar de uma ou outra forma, como sabemos diante de movimentos que hoje são conhecidos como *bandwagon*, *underdog* e voto útil ou estratégico. O *bandwagon* é a tendência do eleitor de decidir com a maioria; o *underdog*, ao contrário, é a tendência de apoiar aqueles candidatos em menor evidência, até como forma de solidariedade<sup>13</sup>; e o voto útil procura escolher o candidato menos negativo, no universo daqueles que podem ganhar.

O uso da IA para tentar prever o resultado das eleições tende a afetar o resultado de modo similar ao das pesquisas. No entanto, pela forma atual do uso das ferramentas e das crenças de acuidade de seus resultados, os indicadores podem parecer

---

<sup>13</sup> MORWITZ, V.G. & PLUZINSKI, C., 1996. Do polls reflect opinions or do opinions reflect polls? The impact of political polling on voters' expectations, preferences, and behavior. *Journal of Consumer Research*, 23(1), pp. 53-67. DOI: 10.1086/209466

mais determinantes, acarretando impactos grandes na escolha do voto e numa corrida entre candidatos para alterar o diagnóstico.

Por outro lado, a AI não pode ser utilizada ou imaginada como encerramento precoce da disputa. Sobre isso, três pontos devem ser observados com mais atenção.

Primeiro, por mais precisa que seja a ferramenta, fatores externos sempre poderão alterar os resultados ou mobilizar grupos e valores que não estavam manifestando as suas intenções tão claramente. Um exemplo ocorreu no Brasil quando o então candidato Jair Bolsonaro sofreu um atentado e esse acidente foi assimilado como capital político. Isso também ocorreu em uma eleição em que tínhamos um candidato com chance no pleito e, perto das eleições, ao ser perguntado sobre o papel de sua mulher, ele respondeu que sua função era a de dormir com ele<sup>14</sup>, levando a uma fuga inesperada de eleitores.

Segundo, não se pode ignorar o espírito de insurreição humana. Assim, se o prognóstico da IA configurar uma sina ou uma condenação, os eleitores podem fugir dele como ato de revolta e insurreição.

Terceiro, como bem já observaram alguns estudiosos entre eles, Yval Harari e Leonard Mlodinow, as eleições são um processo, em grande medida, mais emotivo que racional. Ou seja, no período das eleições, os humanos agem mais instintivamente. Assim, os afetos continuarão exercendo um papel relevante na escolha final dos eleitores, a qual não é sujeita a nenhuma ferramenta.

Isso não quer dizer, porém, que fora desse período não possa ser desenvolvida uma educação para o debate racional, para a reflexão sobre os prós e contras de ideias políticas que serão postas em debate no período eleitoral e para a tolerância. O Estado e a sociedade precisam investir nessa educação de longo prazo, para que os cidadãos consigam trabalhar melhor suas emoções, seus sentimentos morais e sair da condição de meros sujeitos, para a de protagonistas críticos. Não é porque foi renunciado um resultado que ele precisa se realizar. É o espírito crítico, e não uma tendência ou predição, que deve guiar o voto.

### **3 – Candidatos virtuais persuasivos. Uma nova dinâmica para a política?**

---

<sup>14</sup> <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/30/o-que-ciro-falou-de-patricia-pillar-que-fez-bolsonaro-resgatar-o-assunto.htm>

Outra frente fortemente impactada pela IA é a comunicação político-eleitoral. Com as ferramentas já existentes, a cada dia, a guerra por controle de dados se torna mais notória. A inteligência artificial é um artifício poderoso para o processamento e a análise de dados em uma proporção jamais experimentada. Nesse cenário, torna-se cada vez mais provável a realização, por exemplo, de campanhas eleitorais microfocalizadas nos problemas e na realidade de cada eleitor, dada a facilidade que a nova tecnologia tem para identificar padrões e tendências e, a partir disso, personalizar mensagens, direcionar interesses e atrair mais conexão emocional.

Neste ano, outra novidade já foi realizada, durante uma campanha eleitoral, graças à utilização de AI: a criação de avatares virtuais que vivenciam situações com alto grau de apelo afetivo com os eleitores.

Os candidatos virtuais são uma técnica visual e interativa que não necessariamente terá mais ou menos persuasão. Representam, porém, um mecanismo novo de comunicação. A título de exemplo, como destacado por Alexandre Basílio, atualmente, uma candidata a presidente no México, a senadora Xochitl Galvez, está utilizando IA para fazer sua propaganda, tendo inclusive criado um avatar virtual. Assim como temos influenciadores digitais que não existem, mas conseguem um grande engajamento com o público<sup>15</sup>, agora é possível às candidaturas se conectarem com o público a partir de imagens e cenários distintos, inclusive em relação à sua idade e às suas características físicas mais marcantes.

A inovação, por si só, já trouxe pontos novos ao debate. No entanto, muito ainda pode ser pensado e desenvolvido.

Os candidatos virtuais podem mudar a dinâmica política de diversas formas, como: podem baratear campanhas; possibilitar que elas ocorram em um ritmo mais intenso (virtual com avatares, enquanto fazem também campanhas reais encontrando eleitores); realizar campanhas com mais eficiência e mais cativantes<sup>16</sup>; e, um ponto interessante, podem criar outros avatares para apoiarem a sua candidatura, explorando, inclusive, a diversidade e o pluralismo em imagens.

---

<sup>15</sup> BASILIO, Alexandre. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/CvXCUUXqOO2/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==>

<sup>16</sup> Aqui talvez valham as lições de George Marlmstein e Hugo de Brito Machado Segundo, sobre como o uso do Chatgpt pode ajudar no processo de produção de textos. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2023-set-13/consultor-tributario-poder-chatgpt-segredos-revolucao-silenciosa>

Esse uso potencial ainda precisa ser submetido a debates, uma vez que a repercussão de imagens criadas por IA ainda tem muito a ser compreendida e regulamentada.

Como exemplo, no Brasil, recentemente, ocorreu uma polêmica referente a uma publicidade de carros que levou ao questionamento do uso da imagem digital de pessoas já falecidas e à autenticidade da propaganda. Tratava-se da projeção da imagem da cantora Elis Regina, falecida em 1982, ao lado da filha Maria Rita, também cantora, enquanto dirigia um carro. No vídeo, elas entoam uma canção que ficou famosa na voz de Elis. O problema gerado decorreria do fato de que Elis foi clara opositora da ditadura militar, enquanto a fabricante do carro sofreu acusações de envolvimento com a ditadura<sup>17</sup>. Esse mesmo debate sobre a falta de autenticidade da propaganda comercial pode vir a acontecer nas propagandas eleitorais, como refletiram Paula Bernadelli e Fernando Neisser, com impactos ainda mais profundos sobre a validade do uso da imagem digital<sup>18</sup>.

Pode ocorrer também de as campanhas passarem a ser feitas somente ou com a predominância de avatares, sem o protagonismo real dos candidatos, gerando uma potencial dissociação entre os eleitores e a pessoa que efetivamente os representará. Ainda que seja esperado que essa dinâmica deva aumentar, é notório que os candidatos reais precisarão aparecer em algum momento, porque serão eles, com seus defeitos e talentos, que vão governar. Os eleitores precisam ter contato com os candidatos reais, conhecer suas habilidades discursivas, até porque são elas as ferramentas essenciais para a política.

De todo modo, o importante é considerar que, mesmo que não existam tantos candidatos virtuais, a Inteligência Artificial pode ser utilizada para usar e processar dados, para tentar convencer eleitores com microdirecionamentos de propaganda, como aconteceu em relação a Cambridge Analytica. A psicologia comportamental seguirá sendo determinante para o resultado das eleições.

O desafio não é limitado, portanto, à forma de comunicação. O uso e a eventual manipulação da imagem de candidatos (na modalidade real ou virtual), assim como a

---

<sup>17</sup> <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/07/04/musica-em-comercial-com-elis-foi-composta-na-ditadura-apoiada-pela-volks.htm>

<sup>18</sup> BERNADELLI, Paula; NEISSER, Fernando  
<https://noticias.uol.com.br/opiniaao/coluna/2023/07/06/ainda-somos-os-mesmos-autenticidade-eleitoral-e-o-uso-de-deepfakes.htm>



manipulação de dados, o uso de robôs para disparo de informações e a redução da circulação da pluralidade de informações, repercutem sobre a mente do eleitor, a formação da opinião pública e o tipo de propaganda a que ele se sujeita.

Todos esses temas podem e devem passar por alertas educacionais, além de precisarem ser regulados por normas e serem sujeitos ao controle por órgãos estatais de proteção de dados e pelo Poder Judiciário.

#### **4 – Lições e perspectivas do uso da IA nas eleições e na dinâmica democrática**

Os desafios da democracia crescem na mesma dinâmica de aumento da complexidade social e exigem novas habilidades das instituições, dos integrantes da sociedade civil e dos eleitores.

É preciso que os eleitores tenham consciência dos caminhos pelos quais podem ser manipulados para construir estradas para a liberdade. Ou seja, cada vez mais, devemos ter educação para o senso crítico e para a construção de valores morais. Como apontado por Harari<sup>19</sup>, a filosofia nunca foi tão importante, enquanto ramo do saber que nos leva a questionar a realidade e não apenas aceitá-la.

Acredita-se que, por mais que a inteligência artificial possa contribuir muito para o incremento da democracia, o seu uso não pode ser aleatório, exatamente porque pode ser nocivo. O humano deve, com o máximo esforço, dentro das limitações tecnológicas de seu tempo, compreender e controlar o seu uso. É pelo humano e para o humano que essa forma de inteligência foi desenvolvida; a sua utilização deve sempre ser voltada a melhorar a vida das pessoas, não a agravar as mazelas existentes.

---

<sup>19</sup> HARARI, Yuval. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das letras. 2018, p. 54.